Aveiro, 31 de Agosto de 1963 * Ano IX * N.º 461

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA» R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

VESTÍGIOS

Artigo do **DR. FREDERICO DE MOURA**

SEMPRE que pego na caneta para investir com a alvura disponível do papel, tenho uma vacilação. Valerá a pena? Não será inútil o que vou dizer? Merecerá o escrito o suor dos tipógrafos e os olhos dos leitores? Não servirá a prosa para inteligências enviezadas verem naifas escondidas e pensamentos embuçados?

E deixo, a desbotar no caderno, páginas e páginas de prosa para que, sedimentadas as ideias, eu possa, com maior equanimidade, avaliar do interesse da sua publicação com algumas probabilidades de acerto.

Parece que seria fácil renunciar, de vez, à janela da publicidade e fechar, definitivamente, as portadas sobre a deturpação dos que, possivelmente, me catam segundas intenções nas palavras e me povoam as entrelinhas de uma peçonha que eu lá não destilo.

Mas, ao mesmo tempo, essa renúncia afigura-se-me uma demissão comodista e lá volto a manobrar o cálamo um pouco assim como quem manobra uma picareta.

Julgo que, de entre os poucos atributos positivos que possuo, o da comunicabilidade é o mais saliente. E isto de escrever com destino à letra de forma dá-me o ensejo de me dirigir ao meu semelhante o que é uma das coisas que mais agrada ao meu espírito.

De modo que, um pouco como quem se move à roda de um circuito, acabo por vir sempre parar ao mesmo ponto, entregando à tinta da imprensa uma ou outra página destacada da inumação da gaveta.

Eu sei que é difícil, neste tempo em que vivemos, libertar-se a gente do gregarismo envolvente e ter opiniões sem etiquetas de grupo e libertas de hipotecas a tendências. Ou se aceita um esquema, ou se aceita outro, não ficando saída alguma para fora das órbitas estabelecidas que confinam e restringem.

Um sujeito que queira viver còmodamente não tem outra solução que não seja a de vestir um terno completo e elogiá-lo desde a gola do casaco até à dobra das calças. Se ousa dizer que o colete lhe está apertado, é homem ao Mar, declarado gafo e colocado em regime de quarentena.

Num mundo, assim compartimentado, fica muito pouca margem para um indivíduo opinar fora das vedações e dos *slogans* — um raio de um termo de que se usa e abusa para resumir ideias que não suportam resumos e que não deixa escapatórias para um indivíduo glosar, sem antolhos, o mais insignificante ponto de doutrina.

Assim, quem não tiver vocação, ou pelo menos resignação, para os varais oriundos dos mais variados quadrantes ideológicos, faria melhor se desse férias às cordas vocais e deixasse a pena a descansar em dia santo de guarda.

★

A par de um bairrismo tranquilo, dispondo do sentido das proporções e da humildade necessária para não cair em hipérboles delirantes, há um outro, que se não limita a usar óculos de aumento e que vai, mesmo, para os vidros deformantes.

Realmente, quando o

Continua na página 6

COMUNIDADE LUSÍADA

Pelo **DR. ANTÓNIO CHRISTO**

À maneira de Camilo, também eu poderia dizer que me falta a pouca saúde necessária para escrever algumas linhas.

Tenho presentes umas palavras do grande escritor que muito bem quadram ao meu presente estado físico e moral e das quais ouso apropriar-me: Isto não tem remédio, senão o que vem formulado nos grandes livros de Pélico e Xavier de Maistre: conformidade. Eu, porém, não estou ainda bem compenetrado e ungido dos bálsamos da paciência com que se arrostam as más cataduras da doença.

Estas transcrições não interessam, por certo, à generalidade dos meus leitores; mas são necessárias para explicar que, tendo-me obrigado a escrever um artigo para este número do Litoral, *só posso cumprir... dando homem por mim, como usa dizer-se.*

O Prof. Doutor Armindo Monteiro, em O País dos Quatro Impérios, *escreveu o seguinte: «Portugal é um país que vai da Europa à Oceânia, com* províncias *em quatro partes do mundo, homens filhos de velha e nobre cultura e homens que mal conhecem ainda os vícios e as virtudes da civilização. Todas estão unidas pelo mesmo orgulho patriótico, pelo mais sincero amor a Portugal. A profunda unidade do império lusitano é uma das suas maiores forças: permite que, sem sobressaltos ou inquietações quanto ao futuro, a nossa obra prossiga continuamente. A ideia da unidade da nação está de tal modo enraizada no sentimento de todos, que a palavra* colónia *a muitos parece imprópria e até injusta, porque nenhuma diferença se concebe na constituição sentimental do país entre o Minho e Angola, entre Moçambique, Timor ou Alentejo».*

Encontrei isto, pois não conheço o livro donde foi extraído, na Geografia de Portugal, *do saudoso Prof. Doutor Aristides de Amorim Girão, que muitas vezes honrou este semanário com os seus eruditos trabalhos. São do eminente catedrático coimbrão, que tanto amava a região aveirense, as palavras que seguem:*

«Nunca houve para nós distinção entre as diversas parcelas do que conquistámos ou descobríamos. Províncias Ultramarinas *chamámos aos novos territórios que se iam incorporando no Império, e não as considerávamos de maneira diversa das províncias continentais. Para elas transportámos, com a própria gente,*

Continua na página 2

A VOZ DE PORTUGAL

na clara declaração do Presidente do Conselho

Considerações de M. V. G.

POUCOS portugueses dos quatro cantos do mundo terão deixado de ouvir as palavras do Senhor Presidente do Conselho, naquela tão solene e clara declaração que fez no dia 12 aos que formamos a Nação Portuguesa, para Portugal em face dos Estados Africanos e perante as tentativas de governo universal que procura exercer-se através das Nações Unidas.

Comentar essas lúcidas palavras seria deslustrá-las; tentar resumi-las seria atraiçoar-lhes o pensamento, tão denso e ordenado. Só nos resta respigar, aqui e acolá, nesse documento de lógica tão cerrada e irrespondível, uma ou outra frase, os argumentos indestrutíveis, arquivando-os aqui à maneira de florilégio e de antologia para uso popular.

Em resposta aos propugnadores da revisão da Constituição Política da Nação, no sentido de a modificar quanto à estrutura do seu agregado, o Senhor Doutor Oliveira Salazar respondeu:

«Evidentemente a consciência da Nação pode obnubilar-se em momentos críticos e mesmo subverter-se, e a Constituição é um texto que formalmente a vontade nacional que a definiu pode também modificar. Isso nos tem sido sugerido de muitos lados com alguma ligeireza. Porque a questão não é essa: a questão é saber se os dirigentes podem propor e aconselhar à Nação mudar a sua mesma estrutura pela pressão de razões estranhas ao seu próprio ser e se as modificações estruturais, mesmo quando aceites pelos povos, serão para seu bem. O que se impõe aos governantes há-de ser em cada momento encarado à luz do sentimento nacional e do interesse da grei; de modo algum por sujeição a desígnios que a um e outro se opõem.» E aduziu tão fortes razões a favor da sua doutrina, que nem se deve pôr o problema à consciência dos portugueses, sem nos tornarmos indignos dos antepassados que talharam o país a golpes de montante e a actos de heroísmo. Ou aceitamos a Nação como ela é ou a renegamos.

No segundo capítulo da sua declaração, o Senhor Presidente do Conselho esclareceu as posições de Portugal em face dos Estados Africanos e dos Estados Africanos em face de Portugal. E começou por citar as declarações do Presidente da República da Guiné, referindo-se aos povos, ainda a seu juízo colonizados de África: «Se esses povos não quiserem a independência, nós que estamos conscientes e livres, temos o dever de libertar toda a África».

Analisou as consequências da conferência de Adis-Abeba, em que se tomaram decisões que são uma escandalosa interferência nos assuntos internos de Portugal e o Senhor Presidente do Conselho acrescentou logo depois estas palavras que deviam fazer corar de vergonha os afro-asiáticos e muito mais os Ocidentais, se se pudesse esperar esse sentimento de alguns chefes de Estado:

«Esclareçamos que os países africanos não teriam força para impor-nos as suas excomunhões, se não fossem apoiados pelo voto dos Governos comunistas que pretendem destruir o Ocidente e pela atitude de alguns países do Ocidente que deveria ser considerada como deserção se não significasse o desejo de captar a simpatia africana para servirem o que julgam ser seu interesse. Assim a África está sendo o campo em que se degladiam dois mundos: nós constituímos apenas ocasião e pretexto.

Esta a situação que aceitamos como nos é posta e sem que a mesma possa ou deva ter a menor influência na política ultramarina portuguesa e até nos nossos sentimentos para com os que nos atacam. Como estamos em África há séculos, é natural que tenhamos estabelecido com os territórios limítrofes, indepen-

Continua na página 2

LAMENTO!... *Fotografia de* **Zé Penicheiro**

A Voz de Portugal

Continuação da primeira página

dentemente do seu estatuto jurídico, as melhores relações.

A nossa política foi sempre conviver amigàvelmente com todos, ajudar-nos mùtuamente, esforçar-nos por dar satisfação aos interesses comuns, na parte que de nós dependiam. Daí derivou recebermos as independências que se foram processando como factos da vida interna dos Estados, não devendo ter influência nas nossas relações de vizinhança. Se correspondiam ou não aos interesses dos povos, deixámos sempre os outros ser desta causa juízes. Assim nenhum país de África pode com razão apresentar queixa de nós; mas nós não podemos dizer o mesmo de todos.»

O Senhor Professor Doutor Oliveira Salazar concluiu esta parte da sua declaração definindo a posição de Portugal perante os Estados Africanos:

«Do que se disse e se subentende..., deduzimos para o nosso comportamento em face dos povos africanos as seguintos posições:

a mais estrita e amigável colaboração, se a julgarem útil;

a maior correcção, se formos dispensados de colaborar;

a defesa dos territórios que constituem Portugal até ao limite dos nossos elementos humanos e dos nossos recursos, se entenderem por bem converter as suas ameaças em actos de guerra e trazê-la aos nossos territórios.» Esta a nossa irremovível posição.

Na terceira parte da sua notabilíssima declaração, o Senhor Presidente do Conselho definiu a posição de Portugal perante a ONU e também aqui não lhe faltou matéria em abundância para escalpelizar delicadamente, serenamente, objectivamente e com toda a verdade e sinceridade.

Respondendo a um argumento (!!) de que os comunistas ainda se não fixaram em África, demonstrando a incapacidade de Moscovo aí se estabelecer, o Senhor Doutor Oliveira Salazar respondeu que o que Moscovo deseja fazer está sendo feito pelo Ocidente e o resto do programa será a seu tempo executado. E acrescentou:

«Em todo o caso sabe-se que a Rússia está por detrás de todos os movimentos de pseudo-emancipação, se estabelece discretamente por toda a parte e mantém com os chefes os contactos necessários de carácter económico, político e cultural, para marcar sem sobressaltos a sua presença e acção. Desses contactos nascerão os frutos que hão-de colher-se, mas só quando estiverem maduros.»

Agora a análise da atitude dos Estados Unidos, que se têm esforçado por ajudar com todo o seu poder a constituir em toda a África Estados independentes, correspondentes às antigas colónias ou territórios integrados nas nações europeias. «Sob este aspecto podem considerar-se paralelas as políticas americana e russa», «as duas nações fazem uma política idêntica embora aparentemente com fins diversos. Há, porém, além disto, uma diferença substancial: é que, enquanto a política russa é coerente e lógica, a política americana contém em si mesma um grave princípio de contradição. E este consiste em que, sendo princípio fundamental da política dos Estados Unidos auxiliar a defesa da Europa à qual se sacrificaram já em duas grandes guerras, começam eles de provocar a diminuição do potencial europeu com o qual estão aliados, em favor do potencial inimigo que é o comunismo.» Daqui resultará que o Continente Africano se transformará dentro em breve no grande espaço de competição dos Estados Unidos e da Rússia, ou de três, porque a China Comunista fez ali a sua aparição.

O Senhor Doutor Oliveira Salazar dissecou depois várias questões que se põem relativamente ao nosso país, tais como custo da guerra que nos é imposta em Angola, o clamor que vai no mundo contra nós e terminou este capítulo afirmando com energia: «*O Ultramar Português pode ser vítima de assaltos mas não está em venda.*»

E pedimos licença para concluir estas palavras com as últimas palavras com que o Senhor Presidente do Conselho, profundamente comovido, terminou a sua magistral declaração. Meditemo-las, que bem o merecem:

«A maneira como o País tem correspondido ao apelo que lhe havemos feito é uma lição para todos: sem hesitações, sem queixumes, naturalmente com o quem vive a vida, os homens marcham para climas inóspitos e terras distantes a cumprir o seu dever — dever que lhes é ditado pelo coração e pelo fio de fé e patriotismo que os ilumina. Diante desta lição eu entendo mesmo que não se devem chorar os mortos. Melhor: nós havemos de chorar os mortos, se os vivos os não merecerem.»

M. V. G.

Silhueta Internacional

HOMO AMERICANUS DE CÔR
HOMO AFRICANUS BRANCO
ISCA... E ANZOL

DESENHO DE AMÍLCAR TORRES

COMUNIDADE LUSÍADA

Continuação da primeira página

plantas da nossa flora, formas de construção e de vida, e nelas organizámos comunidades em tudo semelhantes às da mãe-pátria. Onde se encontravam e reuniam vizinhos da mesma terra, ou a situação geográfica ou a paisagem faziam recordar qualquer localidade ou povoação da metrópole, logo ali aplicávamos o mesmo nome. No Brasil ou em Angola, na Índia, na Insulíndia e na China, os vestígios da nossa ocupação ficaram por isso indeléveis. Com as populações indígenas vivíamos e convivíamos também, por outro lado, como se todos fôssemos da mesma grande família. Com elas confraternizámos e nos ligámos pelos laços do sangue, o que melhor explica ainda o profundo sulco deixado na nossa passagem. A razão desta influência, como escreveu o sr. General João de Almeida, reside essencialmente no espírito e na forma da colonização portuguesa — assimilação dos indígenas, exclusão absoluta de todo o antagonismo de raças, método próprio e original de ocupação, uma experiência várias vezes secular, geradora de realizações metódicas e gerais/.../. Em verdade, o império foi e é um só. Mais extenso ou mais reduzido, com maior ou menor unidade geográfica, há nele sempre a mesma unidade espiritual que resulta do amor da terra e da comunhão da gente».

... Ora ainda bem que o meu estado de saúde não me consentiu escrever o prometido artigo. Os leitores ficam a lucrar com os translados, que afirmam claramente a unidade moral e a consciência imperial do vasto mundo lusitano, que, por Deus, havemos de manter.

António Christo

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Licenciado — Joaquim Tavares da Silveira (Notário).

Certifico, narrativamente, que por escritura de vinte e seis de Agosto de mil novecentos e sessenta e três, de folhas doze a catorze do Livro de Escrituras Diversas Número quatrocentos e sete-A, deste cartório, foram habilitados, D. Maria Filomena de Melo Sobreiro Vidal, viúva do Doutor Carlos de Almeida Vidal, doméstica, natural da freguesia de Sôsa, concelho de Vagos, moradora no lugar da Costa do Valado, freguesia de Oliveirinha, concelho de Aveiro —, como herdeira testamentária e D. Maria Helena Sobreiro Vidal, casada, doméstica, Doutor Carlos Manuel Sobreiro Vidal, casado, médico, e D. Maria Teresa Sobreiro Vidal, solteira, emancipada, doméstica, e todos estes três naturais da dita freguesia da Oliveirinha e como herdeiros legitimários, como sendo, uma e outros os únicos herdeiros sucessiveis de seu marido e pai Doutor Carlos de Almeida Vidal, médico, natural daquela freguesia de Oliveirinha, falecido naquele lugar da Costa do Valado — onde era domiciliado — aos vinte e seis de Julho de mil novecentos e sessenta e dois.

E' certidão narrativa, que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e, na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

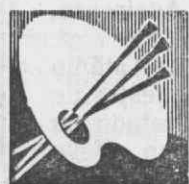
Aveiro, Secretaria Notarial, vinte e nove de Agosto de mil novecentos e sessenta e três.

O Notário,

a) - Joaquim Tavares üa Silveira

BARCOS de PAPEL

SECÇÃO DIRIGIDA POR CARLA

Novo Museu em Olso dedicado ao PINTOR NORUEGUÊS EDUARDO MUNCH

Abriu recentemente em Olso um museu dedicado ao artista norueguês Eduardo Munch, cuja obra tão grande influência exerceu no desenvolvimentn do Expressionismo na Europa. O Museu Munch, *que contém uma vasta colecção de tesouros artísticos criados por Eduardo Munch vai atrair à capital norueguesa os amadores de Arte de todo o Mundo.*

O estilo de Munch, cuja influência se faria sentir no mundo da Arte, revela-se através de uma linguagem simples e dinâmica que exprime as emoções humanas mais puras e a própria inquietação do artista.

Logo no começo da sua carreira, Munch libertou-se dos laboriosos pormenores característicos da escola naturalista do seu tempo. Com efeito, declarava em 1889: «Não vamos mais pintar interiores com homens a ler ou mulheres cosendo mas sim seres vivos que respirem, sintam, amem e sofram».

Aos vinte e cinco anos, fez a sua primeira exposição individual, em Oslo. Embora pouco apreciada nessa altura, incluia esta exposição muitos dos quadros que foram depois considerados as suas obras-primas: «Puberdade», «A Manhã Seguinte», «Primavera» e «Criança Doente».

Munch procurava exprimir na tela os trágicos acontecimentos da sua infância, a doença e a morte que atingiram sua casa, os dolorosos efeitos do amor no círculo dos seus amigos e a Natureza — a Natureza que ele via moldando a alma humana ou moldada por ela.

O principal objectivo do museu é familiarizar o público com a vida e a obra de Eduardo Munch e proporcionar aos estudiosos elementos para o estudo da sua produção artística.

Munch nasceu em Oslo em 1863 e ali morreu em 1944. Muitos anos da sua vida ocupou-os percorrendo incessantemente a Europa em todos os sentidos, tendo pertencido aos círculos artísticos e literários europeus do começo do século.

A uma primeira influência dos impressionistas franceses, assim como de Gauguin e Toulouse-Lautrec, sucedeu um período de simbolismo literário que ele viveu, em Berlim, com o seu amigo Augusto Strindberg, o dramaturgo sueco.

Quando morreu, legou todos os seus bens à cidade de Oslo. O legado incluia 1.000 óleos, 4.500 desenhos, 15.000 gravuras, inúmeras cartas e outros documentos de interesse.

A cidade correspondeu a este gesto mandando construir um moderno museu, que ocupa uma área de cerca de 1.500 metros quadrados, para albergar a obra monumental de Munch. A construção do edifício foi financiada com os lucros das salas de cinema do Município de Oslo.

O museu tem salões de exposição, salas para conferências, um cinema, biblioteca e salas destinadas a investigadores. Em suma, o Museu Munch *tem todos os requisitos para se tornar um dos principais centros culturais da Noruega, e das suas inúmeras instalações fazem parte oficinas de encaixilhamento e restauro — um aspecto importante, porquanto Munch vivia com os seus quadros empilhados e espalhados à sua volta, de tal modo que tropeçava literalmente neles.*

Os peritos prevêem que serão necessários muitos anos para organizar e restaurar toda a sua prodigiosa obra.

O museu proporciona aos estudantes de Arte e aos investigadores, assim como ao grande público, uma oportunidade única de apreciar as obras do grande escandinavo.

CONVERSANDO

— Não é tão má a vida, meu amigo.
Acredita, — dizias tu há pouco.
Palavras atiradas!... Como um soco
em vez de pão, ao mísero mendigo!

Não perguntes porquê. Nada mais digo
ainda que me chames pobre louco...
que eu, de gritar tanto, estou já rouco
e ser compreendido não consigo.

Não. Não, não. Por favor, deixa-me em paz.
Bem quis ser como tu. Não fui capaz.
E mais conselhos? Mais? Não tenho fé.

Depois... sabes, meu velho? Isto cansa!
E se não é possível uma esperança,
para que vou remar contra a maré?

Martins da Silva

Sir Henry Royce, Génio do Automóvel

DUAS letras rígidas unidas num monograma no «capot» dum dos mais célebres automóveis do Mundo, duas letras que emprestaram ao próprio automóvel a sua nobreza e a sua tradição. Tradição faustosa, que inclui monarcas da «Belle-Époque», generais da Grande Guerra, magnates dos tempos modernos e os próprio Lawrence da Arábia e Lenine.

Foi preciso um centenário — o do nascimento dum dos fundadores da *Rolls-Royce* — para nos lembrarmos de que esta tradição nasceu duma história exemplar, daquelas que se contam às crianças e que começam sempre da mesma maneira: «era uma vez...»

Era uma vez uma rapazinho orfão, que vendia jornais numa pequena localidade do Condado de Lincolnshire, na Inglaterra. Tinha dez anos. Nascera a 27 de Março de 1863 e chamava-se Frederick Henry Royce. Era filho dum moleiro que morreu muito novo, sem mais lhe deixar que a sua coragem. Frederick trabalhou para abrir caminho na vida. Depois de ter sido telegrafista e aprendiz numa oficina de locomotivas, conseguiu regressar a Londres onde encontrou emprego na Companhia de Energia e Iluminação Eléctrica. Trabalhando de dia, à noite estudava, em cursos nocturnos numa escola técnica, e ia-se adestrando em trabalhos mecânicos numa oficina pobre e rude, que ele próprio construira nos fundos dum pátio e onde dispunha apenas de algumas ferramentas e dum torno.

Mas o jovem sonhava já em estabelecer-se por conta própria. Tinha apenas vinte anos quando encontrou um certo A. E. Claremont (que mais tarde seria Presidente da Sociedade Rolls-Royce) e que lhe fez a proposta de fundarem ambos uma pequena empresa mecânica. Henry Royce aplicou imediatamente todas as suas economias (50 libras) no negócio. A sociedade começou muito modestamente, dispondo ao todo apenas duma garagem em Manchester, a qual ainda assim bastou para que o jovem Royce aí construisse um novo modelo de dínamo cujo êxito lhe garantiu, e ao seu sócio, um certo à-vontade material. Porém, nada anunciava ainda o grande sucesso.

O primeiro «Rolls-Royce»

Foi um feliz acaso, de mãos dadas com o espírito engenhoso de Royce, que veio a decidir o fututuro. Em 1903, este último decidiu oferecer-se a si mesmo um automóvel. Tinha 40 anos e era o seu primeiro luxo. De resto, limitou-se a comprar um automóvel por preço de ocasião: era um *Deauville* de esplêndido aspecto mas que funcionava tão mal que Royce, em lugar de o reparar, decidiu antes, e a partir de determinado número de elementos que possuia já, construir um automóvel. Foi essa a origem do primeiro *Royce,* um dois cilindros, de 10 cavalos, notável já pelo seu conforto. Era — acontecimento extraordinário para a época – um automóvel completamente silencioso, sem vibração e sem sacolejões ao audar.

Este novo modelo de automóvel, que pouco depois começou a ser fabricado pela sociedade Royce-Claremont, conheceu efectivamente um certo êxito e atraiu em particular as atenções dum aristocrata da melhor sociedade londrina, o Honourable C. S. Rolls, filho de Lord Llangattock, verdadeiro apaixonado pelos automóveis. Rolls, que era já sócio duma agência de venda de automóveis europeus, sonhava vir a ser ele próprio fabricante e criar uma marca que fosse, em relação aos automóveis, o qne Steinway era em relação aos pianos: a perfeição. Se bem que, pessoalmente, alimentasse um certo preconceito em relação aos automóveis de dois cilindros, Rolls arvorou-se em acérrimo defensor do automóvel Royce nos meios da aristocracia londrina e breve propôs ao seu construtor associar-se com ele. No Natal de 1904 nasceu, finalnalmente, a marca *Rolls-Royce*. Dois novos automóveis — um três cilindros e 15 cavalos e um quatro cilindros e 20 cavalos — foram os primeiros frutos desta união, já em 1905. Um ano mais tarde, no Salão Automóvel em Londres, a firma apresentava a sua primeira obra-prima: o «Silver Ghost» (o Fantasma de Prata), um soberbo 50 cavalos que em breve viria a ser o automóvel dos aristocratas, dos poderosos e dos snobs de toda a Europa. O êxito alcançado pelo «Silver Ghost» foi tanto maior quanto era certo que a firma não produzia automóveis em número suficiente para satisfazer a procura...

Do automóvel ao avião

Anos mais tarde, todavia, a associação dos dois RR desfez-se rudemente: Rolls morreu num acidente de aviação, dessa mesma aviação de que ele fora um dos pioneiros. Pouco tempo mais tarde, Royce, sofrendo as consequências de anos e anos de excesso de trabalho, caiu gravemente doente e teve de abandonar, por vários anos, o seu posto na direcção da empresa. Para convalescer, instalou-se na Riviera Francesa, na aldeia de Canadel, onde ainda assim continuava em contacto estreito com os seus engenheiros. Os métodos que utilizou para continuar a manter o controle da empresa são bastante característicos do homem que ele era: em cada nova série de automóveis fabricados, recebia um modelo escolhido ao acaso e examinava-o ele mesmo, meticulosa e exaustivamente. Nenhuma série podia ser posta à venda sem que o modelo tivesse recebido a sua inteira aprovação. Exigia que cada peça nova fosse experimentada durante pelo menos 16.000 quilómetros, parte dos quais sendo o veículo conduzido por uma pessoa sem qualquer experiência automóvel, a fim de poder dessa maneira ter a certeza de que a peça resistiria a tudo.

A primeira Guerra Mundial obrigou a firma a modificar a sua produção. O «Fantasma de Prata» foi substituido por viaturas blindadas e viaturas de reconhecimento. Porém, longe de abrandarem a reputação de que a firma gozava já, essas novas viaturas fizeram subir ao extremo essa reputação. Viam-se *Rolls-Royce* transportando generais pelas piores estradas; T. E. Lawrence viajava num pelos desertos da Arábia; e o próprio Lenine, no momento da Revolução, chegou a São Petesburgo num *Rolls-Royce*. Foi também no ano de 1914 que, assinalou a entrada dos dois RR na aviação. Na véspera da guerra, o Almirantado, inquieto pelos progressos da aviação alemã, pediu à *Rolls-Royce* que iniciasse a produção de motores de avião. O problema era difícil mas, uma vez

Continua na página 6

III Concurso de Cinema de Amadores de Rio Maior

Organizado pelo Cine-Clube de Rio Maior, com o patrocínio da conceituada revista «Celulóide», realiza-se este ano o III Concurso Nacional de Cinema de Amadores (8 mm.), *cujo Regulamento-Calendário é o seguinte:*

REGULAMENTO

1 — Podem concorrer todos os cineastas amadores, portugueses ou estrangeiros residentes no Império Português, desde que satisfaçam as condições gerais deste Regulamento.

2 — Serão admitidos todos os filmes de 8 mm sem limite de metragem, quer tenham ou não concorrido a certames nacionais ou estrangeiros.

3 — Cada concorrente poderá apresentar um filme por cada categoria, dentro de cada grupo.

4 — Os grupos são dois, a saber: I — *filmes a preto e branco;* II — *filmes a cores.*

5 — As categorias dos filmes dentro de cada grupo, são as seguintes: *Categoria A* — Filmes documentários (reportagens, viagens, paisagens, etc.). *Categoria B* — Filmes de fantasia (tema simbólico, abstracto, poético e desenho). *Categoria C* — Filmes de enredo.

6 — Os filmes poderão ser mudos, sonorizados, ou com acompanhamento sonoro em fita magnética.

a) — Serão excluídos os filmes de carácter publicitário.

7 — Todos os filmes deverão trazer pelo menos as seguintes legendas: título, nome dos autores, todas as indicações referentes a colaboração e a legenda final.

8 — Os filmes premiados no concurso dão o direito à Comissão Executiva de lhes colar uma ponta indicando a classificação obtida.

9 — Os filmes deverão ser entregues até ao dia 15 de Setembro de 1963, na secretaria do Cine-Clube de Rio Maior, ou enviados pelo correio sob registo para: **III Concurso Nacional de Cinema de Amadores — Cine-Clnbe de Rio Maior** acompanhados do boletim de inscrição e da importância de Esc. 30$00 em cheque ou vale de correio, por cada filme.

10 — Um júri de reconhecido mérito e de cujo decisão não haverá recurso, atribuirá prémios aos melhores filmes.

11 — A Comissão Executiva terá o máximo cuidado com a conservação dos filmes, não se responsabilizando por possíveis danos ou extravios.

12 — Os filmes melhor classificados serão projectados em sessão pública, em 6 de Outubro de 1963, na altura da distribuição dos prémios. A projecção deverá ser feita pelo proprietário do filme ou por quem o represente, em aparelho próprio. Não comparecendo para cumprimento do disposto anterior, à Comissão Executiva reserva-se o direito de o projectar em aparelho seu, por pessoa da sua indicação.

13 — Serão concedidos diplomas de «*Concorrentes ao III Concurso Nacional de Cinema de Amadores*» a todos os cineastas que tenham remetido filmes.

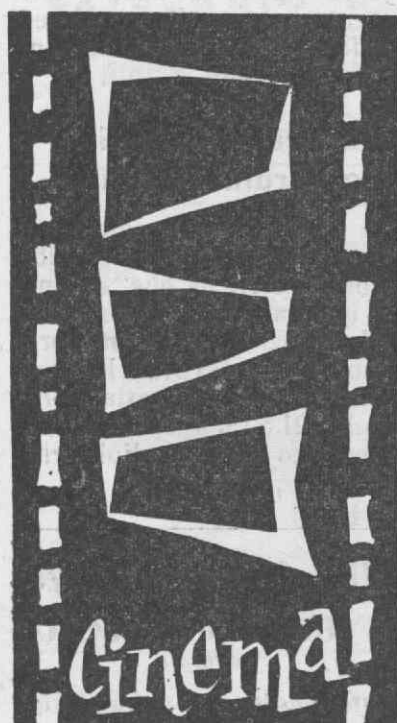
CALENDÁRIO

Último dia de recepção — 15 de Setembro.

Reunião do Júri — 20 de Setembro.

Comunicação de resultados — 28 de Setembro.

Festa da distribuição de prémios — 6 de Outubro:

A's 10 horas — Sessão de Estudo, no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Rio Maior. *A's 12 horas* — Passeio às Marinhas de Sal. *A's 13 horas* — Almoço de Confraternização. *A's 15 horas* — Exibição dos Filmes Premiados e Entrega de Prémios.

Regresso da Companhia de Caçadores 127

O Comando do Regimento de Infantaria 10 informa que está previsto para as primeiras horas da manhã de 4 de Setembro, quarta-feira próxima, o desembarque em Lisboa da Companhia de Caçadores 127, que chegará a Aveiro na tarde do mesmo dia, às 16.30 horas.

Uma vez mais se pede a colaboração da população da cidade, por forma a que os soldados se sintam acarinhados como merecem.

O programa será o seguinte: desfile da Companhia pela Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, Praça do Marquês de Pombal, ruas de Coimbra, do Capitão Sousa Pizarro e do Hospital, até à Avenida das Tílias, onde será celebrada missa campal; na parada do Regimento de Infantaria 10, cerimónia de homenagem; finalmente, merenda aos militares e famílias presentes.

Pede-se empenhadamente às famílias dos militares que regressam o favor de não invadirem a gare, para que as operações de desembarque possam efectuar-se sem atropelos. As famílias assistirão ao desfile, devendo juntar-se aos seus familiares no Parque, assistindo à missa e às restantes cerimónias a realizar no quartel.

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado . . .	N E T O
Domingo . . .	M O U R A
2.ª feira . . .	CENTRAL
3.ª feira . . .	MODERNA
4.ª feira . . .	A L A
5.ª feira . . .	M. CALADO
6.ª feira . . .	AVEIRENSE

Cartaz dos Espectáculos

Teatro Aveirense

Sábado, 31 — às 21.30 horas

Uma película em *Technicolor*, com John Hall, Maria Montez, Sabu e milhares de figurantes — **As Mil e Uma Noites.** Para maiores de 12 anos.

Domingo, 1 de Setembro às 15.30 e às 21.30 horas

Um filme dramático franco-italiano, com Corinne Marchand, Antoine Bourseiller e Dorothee Blank — **Duas Horas na Vida de uma Mulher.** Para maiores de 17 anos.

Quarta-feira, 4 — às 21.30 horas

Uma excelente comédia britânica, com Kenneth Connor, Erik Barker, Leslie Phillips e Joan Sims — **Nem Com Jeito Vai...** Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira, 5 — às 21.30 horas

Um notável filme de Fred Zinnemann, com Deborah Kerr, Robert Mitchum e Peter Ustinov — **Três Vidas Errantes.** Para maiores de 12 anos.

Cine-Teatro Avenida

Domingo, 1 de Setembro às 15.30 e às 21.30 horas

Uma película em *Technicolor*, escrita, dirigida e produzida por Troy Donahne, Connie Stevens e Dorothy Mc Guire — **Carne da Minha Carne.** Para maiores de 17 anos.

Terça-feira, 3 — às 21.30 horas

Um magnífico filme italiano, com Ugo Tognazzy, Walter Chiari, Abbe Lane, Tina Buazzellü, Aroldo Tieri, Luciano Salce e Mara Berne — **A Doce Vida de Tibério.** Para maiores de 17 anos.

Rebocador «Comandante Rocha e Cunha»

Baptizado com o nome de «Comandante Rocha e Cunha» — personalidade ilustre nos fastos da Marinha e no historial aveirense — foi lançado à água, nos Estaleiros Navais do Mondego, um moderníssimo rebocador.

Foi madrinha daquela unidade a neta do patrono, menina Maria Clotilde Medeiros da Rocha e Cunha.

D. Manuel Trindade Salgueiro

Em Ílhavo, já em franca convalescença da doença que o atormentou, encontra-se o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, venerando Arcebispo de Évora.

Ao ilustre antístite, que tem honrado as colunas deste jornal com os seus brilhantes escritos, desejamos, ardentemente, rápido e completo restabelecimento.

Comandante-Geral da Guarda Fiscal

Deslocou-se há dias a Aveiro, em visita oficial à Secção desta cidade da Guarda Fiscal e aos diversos postos dela dependentes, o sr. General Antunes Cabrita, Comandante-Geral da Guarda Fiscal.

Padre António Brásio

De regresso de Angola, onde se demorou alguns meses, voltou à Metrópole e esteve há dias em Aveiro, onde tivemos o grato prazer de o abraçar, o douto académico e nosso ilustre colaborador Padre António Brásio.

Propinas no Liceu

No dia 5 de Setembro, quinta-feira, termina o prazo para pagamento das propinas dos alunos internos do Liceu.

O período para inscrição dos alunos externos foi fixado de 1 a 15 do mesmo mês.

«Dia Grande» na Lota

Na penúltima quinta-feira, dia 22, o movimento e o rendimento da Lota de Aveiro atingiu números «records» na decorrente safra.

Efectivamente, estiveram acostados ao cais 44 barcos, descarregando peixe que se vendeu por 433.174$00.

As traineiras «Januária» e «Divor» foram as mais felizes — recolhendo, respectivamente, 341 e 532 cabazes de sardinha vendidos por 37.087$00 e 31.617$00.

Ao invés, a mais desafortunada foi a traineira «Santa Catarina», que apenas pescou 12 cabazes de sardinha, vendidos por 1.200$00.

Bodas de Ouro do Curso da Escola do Magistério de Aveiro

Regista-se este ano o 50.º aniversário do Curso da Escola de Habilitação do Magistério Primário de Aveiro.

Esperamos poder dar, no próximo número, maior relevo a esta importante efeméride.

Conselho Municipal

Foi convocada para a próxima segunda-feira, dia 2 de Setembro, uma reunião do Conselho Municipal, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Dar parecer sobre o Plano de Actividades da Câmara para 1964;

— Discutir e votar as bases do Orçamento;

— Apreciação de outros assuntos de interesse municipal, que serão oportunamente apresentados.

O «I Ciclo Gulbenkian de Teatro» em Aveiro

Em continuação da série de espectáculos oferecidos a Aveiro dentro do *I Ciclo Gulbenkian de Teatro* — série que se iniciou, em 29 de Maio, com a representação da peça, «Os Três Chapéus Altos», de Miguel Mihura, pelo Teatro Moderno de Lisboa, e que prosseguirá, em Setembro próximo, com a representação de Eunice Muñoz e Jacinto Ramos na peça «Adorável Mentiroso», de Jerome Kilty —, o C. I. T. A. C. (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra) apresentou, no passado dia 14, no Cine-Teatro Avenida, a peça «Manufactura Universal de Autómatos, S. A. R. L.» de Karel Chapek, e o Teatro Universitário do Porto representou, no penúltimo sábado, no Teatro Aveirense, a comédia «Os Pássaros», de Aristófanes.

Em ambas as peças, encenadas por António Pedro, verificou-se a influência do grande mestre de Teatro na construção do espectáculo, sobretudo na marcação, no combinado cenário e luz e no relevo dado às obras apresentadas — ambas tão diferentes nas épocas em que foram escritas mas tão actuais na forma como magistralmente foram realizadas.

As interpretações — por amadores universitários — estiveram sempre em plano homogéneo, embora possa atribuir-se certa superioridade aos estudantes do Porto, em cujo elenco ressaltou a actuação de Rui Sequeira.

Ambos os espectáculos foram dignos da grande iniciativa agora promovida pela benemérita Fundação Calouste Gulbenkian em prol da divulgação da arte teatral. Foi pena, apenas, que se tivessem realizado em plena época de férias estivais — razão que determinou diminuta presença de espectadores nas duas noites.

Casa do Pessoal da Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro

No último sábado, foi inaugurada a Casa do Pessoal da Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro, com sede e instalações nesta cidade.

Estiveram presentes o Delegado do I. N. T. P. e esposa, e todos os funcionários daquele organismo, com suas famílias.

Falou o sr. Rafael Campos Pereira, Chefe de Secção, agradecendo a presença do Delegado do I. N. T. P. e referindo-se à missão que incumbe à Casa do Pessoal.

Seguiram-se a final de um torneio de ténis de mesa e um pequeno espectáculo de Teatro, sendo servido, depois, um copo de água.

Fábrica de Automóveis Portugueses

A Câmara Municipal de Aveiro aprovou o projecto das edificações a construir, entre Cacia e Aveiro, da Fábrica Portuguesa de Automóveis, grandiosa realização industrial a que, por mais duma vez, tivemos o ensejo de nos referir.

Encontram-se já nesta cidade alguns técnicos e dirigentes, com o fim de darem início ao importantíssimo empreendimento.

Exibição Folclórica no Jardim Público

No prosseguimento, e em conclusão, da série de exibições folclóricas que, durante a quadra estival, a Comissão Municipal de Turismo promove no Jardim Público, apresenta-se ali, esta noite, pelas 21.30 horas, o afamado conjunto Grupo Folclórico de Ovar.

Rotary Clube

Na passada segunda-feira, no Restaurante Galo d'Ouro, efectuou-se nova reunião do Rotary Clube de Aveiro, sob presidência do sr. Arnaldo Estrela Santos.

A protocolar saudação à Bandeira Nacional foi feita pela rotário brasileiro sr. Martinho Alexandre, do Rotary Clube de Guarulhos, procedendo o sr. Eduardo Cerqueira à saudação à Ban-Bandeira do Brasil.

O Secretário do Rotary Clube, sr. António Ferreira Leite Pais, ocupou-se da leitura do expediente e entregou a flâmula do Rotary Clube de Bellinzona, do Brasil, que há dias havia recebido do Governador do Distrito Rotário Brasileiro 180, sr. Augusto Bolla, que esteve nesta cidade.

Durante a reunião, foi escutada — numa gravação em disco — a mensagem pessoal dirigida aos rotários de todo o Mundo pelo novo Presidente do Rotary Internacional, sr. Carl P. Miller.

Após o «Momento do Presidente», preenchido por diversas comunicações feitas pelo sr. Arnaldo Estrela Santos, entrou-se no «Período de Actualidades e Curiosidades», em que falaram os srs.: José Gamelas Matias, para entregar uma flâmula do Rotary Clube de Nontron, que tinha recebido em permuta com a do Rotary de Aveiro; Carlos Manuel Gamelas, que se referiu a problemas relacionados com a Informação Rotária; Carlos Aleluia, que referiu a próxima visita a Aveiro de Dona Iaci Lopes Viana, bolseira, na Universidade de Montpellier, do Distrito Rotário Brasileiro 449; e Martinho Alexandre, para saudar os rotários aveirenses e com eles permutar as flâmulas dos respectivos clubes.

A encerrar a reunião, o sr. Arnaldo Estrela Santos congratulou-se pelo seu brilhantismo e pelo seu interesse, saudando de forma especial os rotários visitantes que a ela aassistiram.

Grave acidente ferroviário nas Quintãs

★ Um morto e um ferido

Cerca das 9 horas da manhã de segunda-feira, ocorreu, na estação de Quintãs, um grave acidente de que resultou a morte de um ferroviário, ficando outro em estado grave.

Uma locomotiva isolada, tripulada pelo maquinista sr. Manuel José de Almeida, saíra da Pampilhosa para Gaia; ao passar nas Quintãs, no momento em que transpunha as agulhas do lado norte e cruzava com uma vagoneta transportando carris, a máquina apanhou um dos carris, que se deslocara e caíra à linha.

Com grande violência, o carril atingiu o assentador de 1.ª classe sr. Adriano Tavares Duarte, de 45 anos, residente na freguesia de Oliveirinha, e o operário eventual da C. P. sr. José Coelho da Costa, de 54 anos, morador nas Quintãs, que faziam parte de uma brigada ali em trabalho.

Caídos por terra a contorcerem-se com dores, os dois ferroviários foram transportados para o Hospital de Santa Joana, onde o primeiro faleceu horas depois de ali ter dado entrada. O seu companheiro, que sofreu fractura da perna direita e outros ferimentos, ficou internado, depois de observado e tratado.

Estrada de Eixo a Oliveirinha

Está perto do seu termo a obra de construção da estrada Eixo-Oliveirinha (igreja) — melhoramento de grande interesse para os habitantes destas zonas do concelho de Aveiro.

Para 1964, está prevista a 2.ª fase da projectada obra, com a estrada da Oliveirinha às Quintãs.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS

Hoje, 31 — A sr.ª D. Conceição Coelho Vera-Cruz, esposa do sr. José Maria da Silva Vera-Cruz; e os srs. João Gomes Canelas, António Adérito Braz Coelho e Silva e José Conde de Carvalho.

Amanhã, 1 de Setembro — As sr.as prof. D. Norbinda de Melo Picado e D. Maria Filomena Sobreiro Vidal, viúva do saudoso Dr. Carlos Vidal.

Em 2 — As sr.as D. Rosário Caldeira Brás Leite Pais, esposa do sr. Manuel Ferreira Leite Pais, e D. Ernestina de Lima Gouveia; o sr. António Gonçalves Andias; e as meninas Maria Fernanda da Silva Neves, filha do sr. Horácio Oliveira das Neves, e Maria de Fátima Fortes de Carvalho, filha do sr. José de Jesus Carvalho.

Em 3 — As sr.as D. Maria Luísa do Resgate Marques França Mendes, esposa do sr. Carlos Marques Mendes, D. Maria Isabel Freire Leite, esposa do sr. Henrique Jorge Cândido Marques Figueiredo de Almeida, e D. Maria Fernanda Contente, esposa do sr. António Pimentel Monteiro; os srs. Fernando da Ascenção Soares e António José Vagos da Silva Justiça, aveirense residente em Nova Lisboa (Angola); e as meninas Maria Fernanda Génio de Lima, filha do saudoso Gapitão José Barata Freire de Lima, e Maria Isabel Marques Roque, filha do sr. Alcino Roque, ausente em Luanda.

Em 4 — A sr.ª D. Maria da Purificação Maia Casimiro, esposa do sr. Agnelo Casimiro da Silva; o sr. Joaquim Humberto Gamelas Costa; o estudante João Manuel, filho do sr. Manuel Martins de Melo; o menino António Emanuel, filho do sr. Emílio da Silva Campos; e a menina Maria Isabel, filha do sr. Diamantino da Costa Vieira Caniço.

Em 5 — O nosso apreciado colaborador Eduardo Cerqueira; e os srs. Joaquim José Leiria e Fernando Gabriel Teixeira de Faria.

Em 6 — A sr.ª D. Maria Emília Pinto Madail; o nosso distinto colaborador Humberto Jorge Mendes Leal; os srs. Coronel Américo Roboredo de Sampaio e Melo e Luís Ferreira da Graça, aveirense ausente em Porto Amboim (Angola); as meninas Maria da Luz Duarte de Oliveira e Maria Alice de Morais Sarmento, filha do sr. João António de Morais Sarmento, e Rosa Orquídea, filha do sr. João dos Santos Baptista; e o estudante José Manuel Vicente da Silva Freire, filho do sr. José da Silva Freire.

NASCIMENTO

No dia 28 do corrente, nasceu em Coimbra, na Clínica de Santa Teresa, a primeira filhinha ao casal da sr. D. Maria Teresa de Campos Amorim Faria e do sr. Fernando Gabriel Faria.

A menina é neta do importante industrial aveirense sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim e do distinto clínico sr. Dr. Gabriel Teixeira de Faria.

Os nossos parabéns

PARA PARIS

No próxima segunda-feiraparte para Paris, a fim de frequentar ali um curso de alta costura, o conceituado alfaiate-costureiro aveirense sr. José da Costa Portugal.

Agradecimento

Judite Vicente Ferreira

A família de Judite Vicente Ferreira vem, por este meio, patentear o seu reconhecimento a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à sua última morada.

A Manifestação ao Governo

Agradecimento

O Governo Civil de Aveiro cumpre o grato e jubiloso dever de agradecer ao distrito a exuberante embaixada dos seus 15 000 manifestantes que no passado dia 27 enviou à maior manifestação patriótica de todos os tempos realizada em Portugal para afirmar ao Governo da Nação e a Salazar o seu incondicional apoio de vida e fazenda na luta em que o país se encontra envolvido contra o estrangeiro, para a defesa intransigente da sagrada integridade da Pátria.

Igualmente o nosso veemente agradecimento se dirige muito especialmente aos Senhores Presidentes e Vice-Presidentes dos Municípios e Câmaras Municipais do distrito, aos Reverendos Párocos, às Juntas de Freguesias, às Corporações dos Bombeiros, aos dirigentes da organização corporativa, às demais colectividades ou entidades oficiais, políticas e patrióticas que com o seu esforço dignificaram o distrito enaltecendo aos olhos do mundo a sempre leal e nobre Nação — Portugal.

Aveiro, 28 de Agosto de 1963

O Governador Civil,

Dr. Manuel Ferreira Santos Louzada

Junta Distrital

Da Junta Distrital de Aveiro recebemos, em mão, no dia 26 do corrente, o seguinte comunicado:

A Junta Distrital de Aveiro, em sua reunião ordinária do dia 22 do mês em curso, sob a presidência do sr. Dr. Belchior Cardoso da Costa, deliberou, por unanimidade, associar-se à grande manifestação patriótica que se realiza em Lisboa no próximo dia 27, de apoio à Política Ultramarina seguida pelo Governo da Nação e magistralmente expressa pelo Sr. Presidente do Conselho na sua memorável declaração ao País, feita no passado dia 12.

A Junta, além de prestar toda a sua colaboração e apoio ao movimento de solidariedade para com o Governo, de que as Câmaras Municipais do País tomaram a iniciativa, deliberou fazer-se representar na referida manifestação pelo seu dito Vice-Presidente em exercício e respectivos Vogais e ainda pelo sr. Chefe da Secretaria.

Vestígios

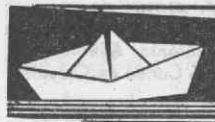
— Continuação da primeira página —

amor da terra ultrapassa as fronteiras da justa medida para se deixar resvalar no terreno do exagero desmedido, cai-se numa forma específica de idiotia inibidora do juízo valorativo, que pode levar um sujeito aos dislates mais absurdos.

Entendo, perfeitamente, que se seja fiel à estamenha que nos agasalhou ao nascer, compreendo, muito bem, a nostalgia do beiral da nossa casa, aceito, mesmo, uma ligação afectiva a uma paisagem ou a um monumento, mas faz-me pele de galinha ver alguém espreitar, voluntàriamente, por um canudo que força a inteligência num sentido único e o leva a fazer o elogio do chafariz da aldeia que, às vezes, não passa dum mostrengo de mau gosto.

Quem calcorreou três quilómetros, sempre a subir, por caminhos de cabras, de braço dado com um bairrista acrítico que anunciou uma ermida muito interessante e um retábulo muito curioso para, ao cabo, nos mostrar uma sensaboria caiada, povoada de mamarrachos de reles santeiro sertanejo e de pinturezas alucinantes de um broxante de trazer por casa, tem, realmente, o direito de assentar duas palmadas ortopédicas na deformação axiológica deste bairrismo de meia tijela que não distingue caliça de pedra lavrada, nem policromia de imagens de borradelas em toscos manipanços desbastados à enxó.

Debite-se, pois, o azedismo desta nota ao logro de que foi vítima o autor ao investir com os caminhos de serra, íngremes e de mau piso, com base na informação de um delirante a quem o amor patológico à terra onde nasceu obnubilou o entendimento, perverteu o gosto e opacificou as córneas até ao ponto de delirar com uma insignificância que não merece a cal que a branqueia, nem o chão que ocupa e que bem mais útil seria a alimentar meia dúzia de pinheiros ou uma carvalha, que ao menos dessem sombra refrescante a quem subisse aquele calvário.

Frederico de Moura

Continuação da terceira página

mais, a sorte e o génio inventivo de Royce permitiram encontrar a solução. Com efeito, poucas semanas antes da declaração de guerra, verificou-se que três automóveis Mercedes conquistaram os três primeiros prémios dum Grande Prémio Automóvel, cuja prova se realizou nas imediações de Lyon. Um dos automóveis vitoriosos foi enviado para Londres, a fim de ser exposto no pavilhão da firma alemã, no Salão Automóvel. Soubera-se, entretanto, que o motor de 6 cilindros do Mercedes não era, na verdade, senão um motor de avião adaptado, um dos últimos modelos concebidos e aperfeiçoados pelos engenheiros de Além-Reno. Royce conseguiu que o Mercedes fosse enviado para as suas fábricas de Derby, onde o motor foi meticulosamente estudado e experimentado. A partir deste modelo, Royce, que jamais estivera dentro dum avião, construiu e aperfeiçoou o motor Hawk de 75 cavalos e, posteriormente, o 5 cilindros EAGLE, que viria a equipar a aviação britânica durante a guerra e, pela sua potência, assegurar-lhe uma supremacia aérea definitiva.

De «record» em «record»

O regresso da paz não viria interromper os progressos da firma Rolls-Royce neste domínio, muito pelo contrário. Em 1919, o avião «Vickers Vimy» terminava a primeira travessia atlântica sem escala, com motores RR que, no mesmo ano, garantiram o êxito dos voos Inglaterra-Áustria e Inglaterra-África do Sul. Paralelamente, as fábricas Derby continuavam a fabricar automóveis. 1920 foi o ano da criação do primeiro «Phanton», digno herdeiro do «Silver Ghost».

Quando faleceu, em 22 de Abril de 1933, depois de ter celebrado os seus 71 anos, Sir Henry Royce, cujo êxito havia entretanto sido assinalado pela concessão dum título nobiliárquico, não vira entretanto as grandes vitórias da marca que criara: os três recordes mundiais de velocidade em 1938 — 572,3 km/hora em terra, 210,59 km/hora sobre a água e 655,8 km/hora em voo — o primeiro motor a reacção RR, o «Welland Jet Engine» que viria a equipar o primeiro caça a reacção aliado da II Guerra Mundial, o «Gloster Meteor», que deram à firma uma supremacia constante neste domínio.

Royce não foi, sem dúvida, um grande inventor. Em vez disso, serviu-se das invenções. Mas possuia uma característica particular: elevava à perfeição as técnicas do seu tempo, naquilo em que delas se ocupava. E, sobretudo, possuia a visão duma mecânica que ultrapassava e metamorfoseava as preocupações meramente utilitárias. Não seria exagerado afirmar que, com Royce, o automóvel, mais do que um meio de transporte, quase se transformou numa arte.

BERNA falou ao LITORAL

Continuações da última página

E a explicação veio de pronto:

— E' que fiquei, desde a primeira vez, agradado de Aveiro e do Beira-Mar, cuja carreira sempre segui de perto e com interesse. Creia que me alegrei imenso, nas horas de júbilo que todos na cidade viveram nas subidas da terceira à segunda e da segunda à primeira divisões, como também fiquei pesaroso com o retorno da equipa ao ponto em que se encontra actualmente.

E, prosseguindo:

— De resto, em vários ensejos, actuando como adversário, contactei com o Beira-Mar. E a prova de que nunca me olvidei do Clube e do meu interesse pelo seu engrandecimento está até no facto de, por mais de uma vez, ter indicado aos seus dirigentes nomes de elementos que poderiam interessar para os seus quadros. Recordo até que Pais, agora transferido para o Sporting, foi indicado por mim ao Beira-Mar...

— Satisfeito, ao que depreendemos, por voltar a Aveiro?

— Sem dúvida!

Mudámos o rumo à conversa, falando dos treinos já realizados no Estádio de Mário Duarte. Perguntámos:

— Quando iniciou a preparação da equipa e qual o regime de treinos que tem seguido?

— Principiámos em 14, e até hoje (dia 24) tivemos apenas dois dias de paragem, em 17 e 19. Encontrei muitos elementos com fraco índice físico — pelo que temos realizado diàriamente duas sessões de treino, que visam, em suma, obter de todos uma perfeita coordenação muscular.

Breve pausa, e BERNA continuou:

— Notei algumas adiposidades a mais e muito gente com falta de velocidade e pouca flexibilidade, e cuidarei primeiro de colocar o grupo «au point» fisicamente.

Claro está que este ritmo de treinos se vai manter enquanto o julgar aconselhável. Depois, e até porque nos aguarda um campeonato deveras duro e ingrato, o plano de treinos terá de ser ajustado às exigências da equipa e da sua definitiva estruturação. Até lá, teremos sessões de exclusiva preparação física, de manhã, e treinos individuais e de conjunto, de tarde.

Voltámos a interromper o nosso amável entrevistado, inquirindo:

— Quando principiam os treinos das turmas de juniores e principiantes?

— Não sei ainda, concretamente, a data que será designada. Tudo dependerá do tempo de que possa passar a dispor para me dedicar à preparação dos jovens — a que tenciono dar a melhor atenção. Lògicamente, o início dos treinos dependerá da já citada mudança do ritmo de preparação dos grupos seniores; creio, porém, que irei utilizar, desde já, a partir de Setembro, as manhãs dos domingos com os juniores e principiantes.

— Que pensa do jogo-treino de amanhã, no Tramagal, e do próximo Torneio de Abertura?

— Os resultados das partidas, em si, não terão, de momento, grande significado ou interesse. O principal objectivo desses encontros será estruturar e metodizar a nossa equipa em todos os múltiplos capítulos do jogo. Possuo ideias bastante concretas sobre as nossas possibilidades — e esses desafios serão ideais para a equipa, pois são susceptíveis de fornecer elementos utilíssimos para rectificações ou reajustamentos que venham a ser necessários.

— Sobre a formação-base para a próxima época, que pode dizer-nos?

— Neste momento, é prematuro quanto possa afirmar. Bem vê: estamos pràticamente no início, há alguns casos por resolver e, concretamente, não sei em absoluto com quem posso vir a contar.

BERNA teve um momento de pausa, e logo adiantou:

— Como se sabe, saiu muita gente das fileiras beiramarenses e a Direcção, em concordância com as suas actuais possibilidades financeiras — as mais fracas dos últimos anos —, tem procurado valorizar o *team* o melhor possível. Há alguns pontos do onze a rever — sendo necessários dois ou três elementos para o quadro que idealizo.

E a concluir:

— Parece, porém, que a Direcção vai facilitar a minha tarefa e a do grupo, procurando trazer para Aveiro esses elementos — que, como todos os já contratados, não serão caros.

— Pode dizer-nos de que elementos se trata?

— Os nomes, não posso ainda divulgá-los. Direi, apenas, portanto, que se trata de um médio, de um avançado e de um guarda-redes...

E, no seguimento do tema da conversa, BERNA disse-nos ainda:

— De qualquer forma, porém, posso garantir que, em campo, terei sempre onze homens dignos de bem representarem o Beira-Mar e Aveiro, honrando as cores do Clube e o nome da cidade.

Esgotado este ponto, quisemos que BERNA nos falasse acerca dos elementos que transitaram das camadas juvenis para o plantel principal do Beira-Mar e nos dissesse alguma coisa acerca da equipa reservista que tenciona apresentar.

Solicitamente, o treinador dos negro-amarelos disse-nos:

— Estou favoràvelmente impressionado com Jacinto, Virgílio Gonçalves e Nunes, quatro jovens de bastantes recursos, que, se trabalharem com afinco e interesse, podem ter ensejo de conquistar posições destacadas. Igualmente, Carlos Alberto, que ainda pode ser júnior este ano, revelou óptimas aptidões para aproveitamento quase imediato. Todos encontrarão em mim um amigo e um parceiro — desde que se queiram sèriamente dedicar ao trabalho.

E, continuando, sem qualquer interrupção:

— As reservas, ao que sei, vão ter esta época um campeonato em moldes de maior proveito, com jogos a sucederem-se domingo após domingo. Procurarei incluir no *team* reservista gente moça, rodando-a para que, em qualquer emergência, esteja apta a poder ser chamada ao grupo principal com a garantia de poder cumprir.

Aliás, gostaria que ficasse bem claro que as linhas serão feitas pelos jogadores — e tudo dependerá, portanto, das provas que cada um der...

E com energia:

— A aplicação, a vontade e o valor demonstrados, em jogos e em treinos, e, também, de forma decisiva, o comportamento dentro dos rectângulos e o comportamento social dos atletas — serão factores que muito irão pesar na escolha dos nossos onzes.

Numa transição, BERNA concluiu, deste modo, o seu pensamento:

— Procurarei, com o meu próprio exemplo, conseguir um grupo disciplinado, através de uma disciplina orientada dentro dos princípios do respeito e compreensão recíprocos. Por natureza, não sou um violento, como, igualmente, não sou um fraco: situo-me no meio-termo, e partilho mesmo do conceito de que em tudo, nesta vida, a virtude reside precisamente no meio-termo. Confio, por isso, em que não irei ter problemas com os nossos atletas, que todos saberão actuar sempre como homens autênticos, comportando-se como tal. Não permitirei indisciplinas de qualquer ordem, nem contemporizarei com indisciplinados!

Aproximava-se do seu termo a conversa, sempre plena de interesse. No seu seguimento, a dada altura, o nosso entrevistado disse:

— Sei bem que, em torno do Beira-Mar, os desportistas aveirenses se encontram de algum modo divididos, havendo até ressentimentos fundos entre certos grupos. Julgo possível, no entanto, que se esqueçam os maus momentos do passado e, no presente, com firmeza e determinação, todos se unam e fortaleçam, preparando para o Beira-Mar um futuro ridente e tranquilo. Se me permite, daqui faço um veemente apelo à união de todos os amigos do Beira-Mar — pois, se a união faz a força, todos unidos havemos de vencer!

E, já quando nos despedíamos, agradecendo a sua gentileza em atender-nos, BERNA afirmou:

— Resolvidos os problemas que mencionei, acerca da equipa, quanto posso prometer é que irei trabalhar, o melhor que souber, no sentido de conseguir oferecer ao Beira-Mar um quadro futebolístico à altura dos seus legítimos anseios; e, sem falsas modéstias, direi ainda que, neste momento, se mais ninguém houver convencido de que o Beira-Mar pode fazer uma boa figura na época prestes a iniciar-se, pelo menos há uma pessoa segura de que o Beira-Mar irá ter uma temporada susceptível de dar grandes alegrias aos aveirenses: essa pessoa... sou eu!

Balanço Amarelo-Negro 1963-64

finda), Moreira e Amândio (que se diz ingressarem no Peniche), Clélio e Ernesto Raposo. Também Sidónio deverá sair do Beira-Mar, definitivamente ou dispensado por um ano.

No que se refere a aquisições, teremos: Pinho, da Oliveirense; Alberto, do União de Lamas; Serra, do Varzim; Diego, do Atlético; e ainda Violas, regressado à prática do futebol após uma temporada de inactividade.

Romeu, do Vitória de Guimarães, não fica em Aveiro. De acordo com os dirigentes do Beira-Mar, aquele futebolista rescindiu o contrato que assinara e devolveu a importância de «luvas» que lhe tinha sido entregue.

Entretanto, como possíveis recrutas beiramarenses, apontam-se alguns futebolistas que têm treinado em Aveiro — casos de Adelino, do Recreio de A'gueda, Fidalgo, do Leixões, António da Velha, ultramarino, Rocha, do Leixões, José Manuel, do Sporting e Académico de Viseu — e ainda outros elementos, cujos nomes não nos é possível divulgar desde já.

Motonáutica

Cascais). 2.º - Carlos Mendes (Sporting de Aveiro). 3.º - João Ramalho (Salvaterra de Magos). 4.º - Eng.º João Carlos Aleluia (Sporting de Aveiro). 5.º - José Correia de Oliveira (Sporting de Aveiro).

Classe C. U. — 1.º — Luís Filipe Mendes (Sporting de Aveiro). 2.º - Luís Raposo (Salvaterra de Magos).

Classe E. T. — 1.º - Manuel João Raposo (Salvaterra de Magos). 2.º - Dr. Sizenando Ribeiro da Cunha (Sporting de Aveiro). 3.º - Carlos Gomes Teixeira (Clube Naval de Aveiro). 4.º - Emanuel Miranda (Sporting de Aveiro). 5.º - Manuel dos Santos Silva (Sporting de Aveiro). 6.º - Eng.º António Fonseca (Sporting de Aveiro).

Classe X. T. — 1.º - Joaquim Adriano Campos Amorim (Sporting de Aveiro).

Classe S. D. — 1.º - Manuel Alves Barbosa (Sporting de Aveiro). 2.º - Vítor Guimarães (Sporting de Aveiro). 3.º - Carlos Vicente Mendes (Sporting de Aveiro). 4.º - Luís Ramalho (Salvaterra de Magos). 5.º - Augusto Pimenta (Sporting de Aveiro).

•

Houve, ainda, saltos de prancha, em que se exibiram José Espírito Santo, Dr. Paulo Moura Relvas e Alfredo Resseder.

Xadrez de Notícias

A'gueda - União de Coimbra e Valecambrense-Mealhada.

O Anadia, segundo nos consta, tenciona praticar andebol de sete, na próxima época, pelo que deverá filiar-se na Associação de Andebol de Aveiro, em que se deve igualmente inscrever, num futuro próximo, o Sangalhos.

No pretérito domingo, os futebolistas beiramarenses realizaram um treino-formal em que se defrontaram com a equipa do Tramagal, em jogo amigável realizado nesta localidade e que concluiu com o score de 1-1.

Miguel foi o autor do golo do Beira-Mar, que utilizou os seguintes elementos:

Rocha (Adelino); Girão (Nunes) e Evaristo; Pinho, Serra e Romeu; Miguel, Brandão, Diego, Alberto e José Manuel.

O Campeonato Distrital da I Divisão

Começa em 8 de Setembro

Tal como aqui já noticiámos, a prova em epígrafe inicia-se em 8 de Setembro próximo, movimentando, ao longo de 26 jornadas, 14 equipas aveirenses. A competição servirá para apuramento dos representantes de Aveiro na fase inicial do Campeonato Nacional da III Divisão.

O calendário dos desafios ficou assim elaborado:

1.º Dia

Cesarense - Valecambrense, Lamas - Recreio, Ovarense - Bustelo, Cucujães - Anadia, Estarreja - Lusitânia, Arrifanense - Paços de Brandão e Esmoriz - Alba.

2.º Dia

Valecambrense - Esmoriz, Recreio - Cesarense, Bustelo - Lamas, Anadia - Ovarense, Lusitânia - Cucujães, Paços de Brandão - Estarreja e Alba - Arrifanense.

3.º Dia

Valecambrense - Recreio, Cesarense - Bustelo, Lamas - Anadia, Ovarense - Lusitânia, Cucujães - Paços de Brandão, Estarreja - Alba e Esmoriz - Arrifanense.

4.º Dia

Recreio - Esmoriz, Bustelo - Valecambrense, Anadia - Cesarense, Lusitânia - Lamas, Paços de Brandão - Ovarense, Alba - Cucujães e Arrifanense - Estarreja.

5.º Dia

Recreio - Bustelo, Valecambrense - Anadia, Cesarense - Lusitânia, Lamas - Paços de Brandão, Ovarense - Alba, Cucujães - Arrifanense e Esmoriz - Estarreja.

6.º Dia

Bustelo - Esmoriz, Anadia - Recreio, Lusitânia - Valecambrense, Paços de Brandão - Cesarense, Alba - Lamas, Arrifanense - Ovarense e Estarreja - Cucujães.

7.º Dia

Bustelo - Anadia, Recreio - Lusitânia, Valecambrense - Paços de Brandão, Cesarense - Alba, Lamas - Arrifanense, Ovarense - Estarreja, e Esmoriz - Cucujães.

8.º Dia

Anadia - Esmoriz, Lusitânia - Bustelo, Paços de Brandão - Recreio, Alba - Valecambrense, Arrifanense - Cesarense, Estarreja - Lamas e Cucujães - Ovarense.

9.º Dia

Anadia - Lusitânia, Bustelo - Paços de Brandão, Recreio - Alba, Valecambrense - Arrifanense, Cesarense - Estarreja, Lamas - Cucujães e Esmoriz - Ovarense.

10.º Dia

Lusitânia - Esmoriz, Paços de Brandão - Anadia, Alba - Bustelo, Arrifanense - Recreio, Estarreja - Valecambrense, Cucujães - Cesarense e Ovarense - Lamas.

11.º Dia

Lusitânia - Paços de Brandão, Anadia - Alba, Bustelo - Arrifanense, Recreio - Estarreja, Valecambrense - Cucujães, Cesarense - Ovarense e Esmoriz - Lamas.

12.º Dia

Esmoriz - Paços de Brandão, Alba - Lusitânia, Arrifanense - Anadia, Estarreja - Bustelo, Cucujães - Recreio, Ovarense - Valecambrense e Lamas - Cesarense.

13.º Dia

Paços de Brandão - Alba, Lusitânia - Arrifanense, Anadia - Estarreja, Bustelo - Cucujães, Recreio - Ovarense, Valecambrense - Lamas e Cesarense - Esmoriz.

BERNA

TREINADOR DO BEIRA-MAR FALOU AO «LITORAL» ACERCA DA SUA EQUIPA NA PRÓXIMA ÉPOCA

VEM aí o futebol! De há muito desejado, após uma temporada bem pouco grata para os aveirenses o chamado desporto-rei *principia amanhã, oficialmente, mais uma época de reinado. Vem aí o futebol! — e, com ele, toda a gama de cambiantes emocionais que o jogo traz consigo, apaixonando multidões e multidões de um público cada vez mais numeroso, mais entusiasta, mais exigente e, também, mais conhecedor...*

Este ano, na orientação do Beira-Mar, como treinador dos seus quadros futebolísticos, temos o espanhol BERNA, que, desde o passado dia 14, vem dirigindo os jogadores negro-amarelos nas suas sessões de preparação. Decidimos entrevistá-lo para o Litoral *e pedir-lhe que nos confiasse as suas impressões acerca da sua equipa — a equipa de todos nós, aveirenses — e das respectivas possibilidades ao longo da época prestes a surgir.*

Um telefonema para a sede do Beira-Mar, aprazando o encontro, e, no pretérito sábado, a entrevista efectuou-se — dado que BERNA, amàvelmente e prontamente se prontificou a falar para os leitores do Litoral.

A facilidade de palavra e a comunicabilidade e simpatia do nosso interlocutor tornaram a conversa deveras agradabilíssima.

De começo, e a uma nossa pergunta acerca do seu curriculum vitae, *obtivemos a seguinte resposta:*

— Chamo-me Barnabé Puertas, nasci em Madrid, há 39 anos, e, como jogador, no meu País, alinhei no Real Madrid (em infantis, juniores e reservas), no Cartagena, no Espanhol de Tanger, no Almeria, e no Cultural Leonesa — na época em que este ascendeu à I Liga.

— Veio, depois, para Portugal? — interrompemos.

— Exactamente: joguei no Caldas, em 1952-53 e 1953-54, e, no ano seguinte, representei o Beira-Mar, então orientado por Jacinto Mestre e Alfredo Valadas. Depois, estive no Futebol Clube de Fafe, dois anos e no Sporting de Fafe, uma época — já como treinador-jogador.

Ligeira pausa, e BERNA prosseguiu:

— De igual modo, estive à frente do Régua e do Varzim, em duas depois, temporadas; orientei sòmente as equipas do Boavista e do Sporting da Covilhã, neste apenas em recurso, substituindo Valdivielso.

Arquivadas estas notas, uma curiosa declaração:

— Esta é, em poucas palavras, a história da minha vida de treinador, que, resta dizer, se iniciou aqui em Aveiro, exactamente no Beira-Mar!

— Como assim? — perguntámos, naturalmente surpreendidos.

E, sorrindo, BERNA tudo aclarou:

— Quando alinhei no Beira-Mar, em 1954-55, foi-me dado o encargo, pelo dirigente sr. Baltasar Vilarinho, de treinar as suas turmas juvenis — portanto as primeiras que orientei, se bem que episòdicamente, no final da época.

— Recorda-se de alguns dos seus pupilos de então? — interrompemos.

— Já lá vão quase dez anos, e tratava-se de gente a iniciar-se, pelo que receio que a memória me não ajude... Mas sempre recordo um promissor e correctíssimo elemento, excelente dianteiro: Graça; e, além dele, posso citar os nomes de Parracho, Domingos Cerqueira, Lamoso, Gamelas, etc..

Soubemos, e com aprazimento o registamos, que BERNA tem sido sempre solicitado, como treinador, a renovar os contratos com as equipas que orientou. Não tem sido vítima, felizmente, das tão vulgarizadas «chicotadas psicológicas» — geralmente sintoma de mentalidades obsecadas, doentiamente, pela ideia-força de se ganhar sempre...

Técnico estimado e disputado, portanto, esta é uma credencial do novo orientador do Beira-Mar — clube a que BERNA deu preferência...

— ... apesar de ter convites, alguns mesmo mais vantajosos do ponto de vista material, como os que recebi do Sporting de Braga e do Sporting da Covilhã, para não citar as propostas do Boavista, do Famalicão e outros clubes.

Continua na página 7

XADREZ de NOTÍCIAS

Começa amanhã a disputar-se, com jogos marcados para as 16 horas, o Torneio de Abertura *da Associação de Futebol de Aveiro.*

A ronda inaugural engloba os seguintes desafios:

Sanjoanense - Oliveirense
Espinho - Beira-Mar

Para fecho das organizações na decorrente temporada, o Sporting de Aveiro vai promover, em 15 de Setembro, na Costa Nova, uma prova de motonáutica aguardada com bastante interesse e natural curiosidade — dado o seu ineditismo na Península: AS 3 HORAS DA RIA DE AVEIRO.

Inicia-se amanhã a nova época oficial de basquetebol. Até o dia 15 de Setembro, na sede da Associação de Basquetebol de Aveiro, encontram-se abertas as inscrições para os Campeonatos Distritais.

No pretérito sábado, integrada no programa comemorativo da inauguração da Casa do Pessoal da Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro, disputou-se a final de um torneio de ténis de mesa em que participaram dez concorrentes.

Saiu vencedor António Cerqueira, que ganhou o desafio decisivo, com Telmo Chiote, por 3-1 (21-13, 21-6, 29-31 e 21-19).

Em Ílhavo, no festival de homenagem à equipa de basquetebol do Illiabum, brilhante vencedora do Campeonato Nacional de Infantis, realizaram-se duas partidas daquela modalidade e exibiu-se a patinadora Maria de Fátima, do Belenenses.

Nos jogos em referência, entre o Illiabum e o Belenenses, as turmas de Ílhavo obtiveram vitórias — por 45-41, em seniores, e por 52-20, em infantis.

Na área da Associação de Futebol de Aveiro, realizam-se amanhã, além de outros desafios de que não temos conhecimento, os encontros particulares Recreio de

Continua na página 7

Ciclismo

IV Circuito de Oliveirinha

De amanhã a oito dias, em 8 de Setembro, realiza-se o IV Circuito Ciclista da Oliveirinha — competição reservada a «populares» maiores de 18 anos, que, como em 1960, 1961 e 1962, será organizada pela Casa do Povo da Oliveirinha e contará com o patrocínio da F. N. A. T. e do LITORAL.

Tal como em 1962, o circuito comporta 8 voltas, totalizando 70 quilómetros, num itinerário que foi assim fixado: Oliveirinha — Marco — S. Bernardo (Cruz Alta) — Gândara — Costa do Valado — Granja — Oliveirinha.

A meta, como sempre, ficará instalada junto à sede da Casa do Povo da Oliveirinha.

Dado o interesse que a realização da prova despertou, sobretudo nos meios velocipédicos do Norte e Centro, é de esperar um novo êxito para os seus organizadores — de que, por dever de justiça, e sem menosprezo para qualquer outro, nos permitimos, porém, salientar o dinâmico desportista Israel Duarte Maio.

A prova principia às 16 horas, esperando-se que reuna a presença de mais de meia centena de corredores.

Entre Duas Épocas

BALANÇO AMARELO-NEGRO 1963-64

No dealbar da época futebolística 1963-1964, que amanhã tem o seu início oficial, apresentamos aos leitores o que, de concreto, há no Beira-Mar em relação ao movimento — sempre seguido com interesse, expectativa e muita especulação — de saídas e entradas de jogadores.

O capítulo concernente às saídas pode ser assim resumido: transferiram-se do Beira-Mar Pais (para o Sporting), Alves Pereira (para a Ovarense), Valente (para o Vitória de Setúbal), Cardoso (para o Tramagal), Teixeira (para o Sporting de Braga), Jurado e Laranjeira (para o Cova da Piedade), Chavez (que regressou à Argentina, ainda a meio da época

Continua na página 7

Galeria de Campeões Aveirenses

ANTÓNIO PEIXINHO

Após memoráveis êxitos nas primeiras provas de ciclomotorizadas que se realizaram no nosso País, em Miramar, o jovem aveirense António Peixinho tem-se dedicado inteiramente ao automobilismo, coleccionando também vários e merecidos louros — tanto em presenças honrosíssimas, como ainda nalgumas vitórias sobremaneira assinaláveis.

«A's do volante» de muitos recursos e experiência comprovados em inúmeras competições, António Peixinho, conduzindo o seu «Jaguar», no pretérito domingo, somou um novo e excelente triunfo, ao vencer, após luta empolgante, o Circuito de Vila do Conde, na categoria de «Turismo». Na mesma prova, categoria de «Grande Turismo», o nosso conterrâneo classificou-se em quarto lugar, correndo em «Ford Lotus».

Assinalando estas proezas, é com inteira justiça que trazemos hoje a esta galeria António Peixinho — um jovem e autêntico campeão aveirense.

MOTONÁUTICA

Como anunciámos, realizaram-se, no sábado e domingo, competições de motonáutica na Ria de Aveiro, integradas em interessantes festivais desportivos efectuados na Torreira e na Praia de Mira.

De ambas, damos, a seguir, breves resenhas com os resultados obtidos.

Na TORREIRA

As provas tiveram patrocínio da Junta de Turismo, e foram organizadas pela Secção Náutica do Clube da Torreira, com assistência técnica do Sporting de Aveiro.

Estiveram em competição 14 motonautas, representando 4 clubes, e os resultados finais foram os a seguir indicados:

Classe E. U. — 1.º - Carlos Mendes. 2.º - Octávio Ribeiro da Cunha. 3.º - José Correia de Oliveira — todos do Sporting de Aveiro. 4.º - Mário Gonzaga Ribeiro — Clube Naval de Cascais. 5.º - Eng.º João Carlos Aleluia — Sporting de Aveiro.

Classe E. T. — 1.º - Manuel Raposo — Salvaterra de Magos. 2.º - Manuel dos Santos Silva — Sporting de Aveiro. 3.º - Carlos Gomes Teixeira — Clube Naval de Aveiro.

Classe X. T. — 1.º - Joaquim Adriano Campos Amorim — Sporting de Aveiro.

Classe C. D. — 1.º - Carlos Mendes. 2.º - Vítor Guimarães — ambos do Sporting de Aveiro.

Classe C. U. — 1.º - Luís Filipe Mendes — Sporting de Aveiro.

Na PRAIA DE MIRA

O IV Festival Náutico da Praia de Mira, organizado por uma comissão de desportistas, contou com o patrocínio do S. N. I., da Câmara Municipal de Mira e da Comissão de Turismo de Coimbra, e com assistência técnica do Sporting de Aveiro.

Integraram-no diversas competições, em que se apuraram estes desfechos:

Ski Aquático

«Slalon» - Homens — 1.º - José Espírito Santo; 2.º - Eng.º Abreu Valente; 3.º - Dr. Paulo Moura Relvas; 4.º - Eng.º António Martins da Fonseca; 5.º - Nuno Pestana.

«Slalon» - Senhoras — 1.º - Maria da Graça Moura Relvas; 2.º - Lídia Fiadeiro Alegro.

Figuras Livres — 1.º - Eng.º Abreu Valente; 2.º - José Espírito Santo.

Motonáutica

Classe E. U. — 1.º - Mário Gonzaga Ribeiro (Clube Naval de

Continua na página 7